

AS CRIANÇAS E AS RUAS QUE SE ATRAVESSAM: VIVÊNCIAS DE UMA PESQUISADORA NUM BAIRRO PERIFÉRICO DE ARACAJU

Camila Barreto Cavalcante¹

GT 1 – Educação de Crianças, Jovens e Adultos

RESUMO

Este trabalho apresenta como questionamento e curiosidade de investigação o devir criança por meio do brincar, como se dá os acontecimentos nos espaços da rua periférica. Lugar visto pela autora deste artigo como espaço de um devir atravessado por outros devires. Devir periferia, devir adulto, devir animal, devir natureza. O questionamento é: como se dá a relação com o caos, com o brinquedo? A escrita traz apanhados teóricos e compreensão de conceitos e estruturas de categorias.

Palavras-chave: Devir-criança. Periferia. Brincar. Acontecimento.

SUMMARY

This work presents as a questioning and curiosity of investigation the becoming of the child through play, how the events occur in the spaces of the peripheral street. A place seen by the author of this article as a space of a becoming crossed by other becomings. Becoming periphery, becoming adult, becoming animal, becoming nature. The question is: how does the relationship with chaos, with the toy, take place? Writing brings theoretical overviews and understanding of concepts and category structures.

Keywords: Becoming-child. Periphery. Play. Event.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe, vinculada ao grupo de pesquisa GEPCS (Grupo de Pesquisa em Educação Cultura e Subjetividades). ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7556-4368> E-mail: psicologa.camilabarreto@gmail.com.

INTRODUÇÃO (Fonte *Times New Roman* tamanho 12)

Este projeto de mestrado tem como objeto de estudo vivenciar o devir criança nos territórios das ruas e campos que circundam seus espaços de morada, no Marivan, bairro periférico de Aracaju. Para tanto, traçou como objetivos específicos as seguintes etapas:

- a) observar os atravessamentos do devir criança, o território, o brincar, as relações que elas constroem entre si e com o espaço;
- b) analisar os acontecimentos, o que se repete e como as crianças convivem em meio ao caos, ao inesperado, diante do brincar na rua;
- c) compreender como ocorrem as afetações do gênero como dispositivo dessas relações construídas entre eles;
- d) o brinquedo, notar como se dá essa relação com o brinquedo no coletivo, o maquinário de subjetividade.

Cresci brincando no chão, entre formigas, meu quintal é maior do que o mundo. Por dentro de nossa casa passava um rio inventado. Tudo que não invento é falso. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o Sol. O menino e o rio, era o menino e as árvores (Barros, 2010. p.20).

A criança que fui, a infância que ainda me atravessa, são as raízes das inquietações para a construção deste projeto. Ouvir e sentir Manoel de Barros é como um ativar das minhas memórias; “quando pude ser eu mesma como criança? Quantas vezes minha voz e minhas ideias foram acolhidas?” A escolha de um brinquedo, ou com quem brincar, as interferências de dispositivos de controle e normalização, que acabavam capturando as subjetividades e interferindo nos territórios e no tempo da criança. A menina cresceu, porém, as afetações desse período reverberam nos trinta e três anos que escreve estas páginas. O fazer profissional foi se desenhando no campo da saúde mental e no chão das escolas, lugar onde, mais uma vez, se vê as segmentações. A instituição e todo maquinário de produção de deveres. As cadeiras em filas, os fardamentos, o tempo do brincar reduzido ano após ano, as caligrafias e todo o “ter que fazer e cumprir” ditado por rotinas que excluem os momentos livres de produção e de criação. O poeta ressalta a respeito do imaginário e da fantasia. Os sujeitos criativos são sujeitos do autoconhecimento, de uma

educação libertária, que dá espaço para esses processos. Posso afirmar, que a escola é dispositivo de escolarização e um espaço de abertura às medicalizações, diante da experiência com a prática, ao acompanhar relatórios e encaminhamentos escolares, como também, das escutas e diálogos entre educadores e famílias. Mulher, mãe, pesquisadora, entre vírgulas porque muito mais estou e sou. Dessas inquietações nasceu um projeto e uma empresa, em conjunto com me companheiro afetivo, que traz um fazer e um olhar para as crianças com afeto, onde elas governam e conduzem as construções (Bem Querer Educação Afetiva).

Como entusiasta da utilização de práticas pedagógicas transformadoras que vão além do cunho conteudista. Diante desse cenário, questionei-me: De que forma a escola pode direcionar o desenvolvimento das crianças na primeira infância, levando em consideração as subjetividades de cada ser? Porém, ao adentrar no mestrado, mergulhar nas leituras sobre Deleuze, grupos de pesquisa e de estudo, comecei a olhar e me interessar por outros espaços. A escola trazia para mim a resposta do que eu queria. Portanto, comecei a observar onde iria encontrar essas crianças mais “livres para serem quem elas são”, entre aspas porque tenho a ciência que essa liberdade não ocorre como se dá no conceito da mesma. Essa observação ocorria por meio de cada aula, questionamento, construção do mapa mental da pesquisa. Além das leituras para o meu referencial, tanto dos autores que serão norteadores como também, vídeos, alguns filmes e documentários.

Fui provocada principalmente pelo documentário Território do Brincar (2014), um trabalho de escuta, de registro e de difusão da cultura infantil, que se acredita que o brincar é detentor de toda potencialidade humana. “Os gestos do brincar revelam narrativas que nos apresentam a nós mesmos” (Território do Brincar, 2014). Após assistir e refletir, fui permeada por mais uma lembrança do tempo de criança, o brincar nas ruas, os territórios, o brinquedo, os grupos. Seguindo esse olhar, a presente pesquisa se desdobrará na seguinte questão: Quais os devires atravessam a criança num bairro periférico de Aracaju? Sendo assim, o foco será o devir criança, observar como essas crianças se apresentam e se constroem tendo como categorias o brincar, o brinquedo, gênero, subjetividade, diferença, acontecimento, repetição.

REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

Esta pesquisa é intitulada como: As crianças e as ruas que se atravessam: Vivências de uma pesquisadora num Bairro Periférico de Aracaju. A pesquisa deseja se ancorar no devir criança utilizando o brincar e os atravessamentos delas nos espaços.

Tendo como marco teórico o devir criança no espaço das ruas de um bairro periférico. Os conceitos estudados serão devir, aión, devir criança, bairro e periferia, tendo um olhar para as idades entre sete e doze anos. O conceito de devir criança será pautado em Deleuze, trazendo citações de Manoel de Barros e dispositivo de controle para Foucault. Ao olhar para o brincar como força e potência, esses conceitos serão pautados em Nietzsche. O recorte sobre periferia será construído com base no dos anos noventa.

Falar em devir criança é de alguma forma um convite à infância, ressalto que este trabalho não ficará dedicado a este último conceito, porém, acredita-se ser necessário trazê-lo à luz da filosofia. Para isso, a infância não é apenas uma questão cronológica, é uma questão de experiência (Kohan, 2003). “Não é a criança que se torna adulto, é o devir-criança que faz uma juventude universal” (Deleuze; Guatarri, 1997).

Seguindo, o autor, filósofo francês contemporâneo, há dois modos de diferenciar o tempo. De um lado, se tem o devir e, do outro, a história (Deleuze, 1992). A história não é a experiência, mas o conjunto de condições de uma experiência e de um acontecimento que têm lugar fora da história. A história é a sucessão dos efeitos de uma experiência ou acontecimento. Sendo assim, se ver duas margens, em uma estão as condições e os efeitos, na outra margem, o acontecimento mesmo, a criação, o que Nietzsche chamava de intempestivo (Kohan, 2003, p.117).

Sendo assim, não tem como não falar sobre o conceito de aión, que é o descontínuo, as linhas de fuga e as minorias. Um acontecimento, o que interrompem a história, a revolucionam, criam uma nova história, um novo início (Deleuze, 1997).

O conceito de “devir-criança” foi inventado por Deleuze e Guattari (1997), nos parágrafos acima, é possível concluir que o devir faz surgir outra temporalidade, que não é a da história. Desse modo, o devir não é imitar, fazer como dita um modelo, num tempo sucessivo. O devir é um encontro entre duas pessoas, acontecimentos, movimentos, ideias, multiplicidades, que provoca uma terceira coisa entre ambas. Não é sobre passado, presente e futuro, mas com geografia, com intensidade e direção próprias (Deleuze; Parnet, 1988). “Um

devir é algo “sempre contemporâneo”, criação cosmológica: um mundo que explode e a explosão de mundo” (Kohan, 2003). O devir – criança é o encontro entre um adulto e uma criança, é indefinido porque é singular o encontro não é privado, é algo minoritário, paralelo a outros devires. O devir-criança marca uma linha de fuga, a transitar, aberta, intensa (Deleuze; Guatarri, 1997).

Segundo Deleuze (1997), as crianças obtêm suas forças do devir molecular que fazem passar entre as idades, é uma força que rompe sem ser convidada. Sendo assim, é uma força que se extrai da idade que se tem, do corpo que se é, os fluxos e as partículas que dão lugar a uma “involução criadora”. É preciso escrever também sobre os conceitos de bairro e periferia, já que este projeto visa acompanhar o devir-criança nos espaços de um bairro periférico.

A periferia e o conceito dela são num recorte dos anos noventa, já que existe toda uma noção conceitual sobre periferia. Nos anos oitenta, por mais que o termo periferia fosse conhecido pelos sujeitos residentes em seus espaços, não se tinha a utilização do mesmo, como se deu qualitativamente após alguns novos movimentos culturais. Sendo assim, é importante destacar o movimento hip-hop, pelas publicações dos termos, sendo reivindicado pela própria periferia, pelas expressões culturais.

O lançamento do filme “Cidade de Deus”, de Fernando Meirelles e Kátia Lund, já é possível notar a indústria do conhecimento se apropriando de uma estética e da definição preponderante. Assim se dá uma reviravolta, na academia ocorreu uma tendência de abandonar o termo periferia, relativizando seu poder explicativo. Segundo o antropólogo José Magnani, (2012) “quando periferia já não valia sociologicamente, ela foi utilizada de maneira política pelos nativos”.

A partir dos anos 1990, o caminho percorrido por periferia se divide em pelo menos três: a academia, que perde a preponderância da explicação quase no mesmo momento em que passa a relativizar o termo; a indústria do entretenimento, que abusou de uma estética da pobreza e depois foi abandonando-a; e os moradores da periferia, que seguiram ressignificando o termo (Magnani, 2012, p.32). 11 É o que esta pesquisa quer seguir, no processo de ressignificação do termo para se aproximar desse devir-criança, porque também ocorre de modo entrelaçado ao devir-periferia. É contemporâneo, a utilização de periferia como classe passou a ser utilizada como totalidade abarcadora de distintas localidades com situações sociais

próximas, sendo uma expressão de classe trabalhadora em um momento histórico em que se necessitava de uma categoria unificadora, mas trabalhador se fragilizava como categoria de representação. Sua disseminação ocorreu nos noventa e dois mil (Tiaraju, 2020). Além disso, é importante destacar, ainda segundo o autor, que esse recorte temporal marca o fim da necessidade de mediadores: por uma série de circunstâncias, essa geração passou a prescindir de mediadores na política, na academia, no jornalismo, na arte, entre outras esferas, passando ela mesma a se representar.

REVISÃO DE LITERATURA (ESTADO DA ARTE)

A revisão de literatura deste projeto será construída por meio de teses, trabalhos de pós-graduação e dissertações voltados para o devir-criança. O mesmo está na fase de coleta de matérias, desde já, é importante ressaltar que o estudo do devir-criança no brincar nas ruas não foi encontrado. Porém, os recursos de documentários têm contribuído nesse aspecto, como citado na justificativa (Tarja Branca, Territórios do Brincar, A invenção da Infância).

PRODUÇÃO EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO NOS ÚLTIMOS CINCO ANOS

Foram selecionadas, três dissertações e três teses dentro dos últimos cinco anos, seguidas de comentários a respeito.

A primeira tese que trago aqui com o ano de 2019: “Invento-me: potências do devircriança -uma educação pela fabulação” (Barin, 2019). Ana Cláudia Barin, vem com a fabulação, fala da potência e uma das suas justificativas de olhar para esse movimento e tempo além do krónos é esta já sentida por cá nas fundamentações. Devir-criança foi o conceito que centrou as linhas desta pesquisa de doutorado. Fundamentado, principalmente, pelos autores Gilles Deleuze, Félix Guattari e Walter Kohan, este conceito tratou de pensar um movimento contínuo, que não se prendeu ao tempo cronológico, pois sempre anseia pelo novo, pelo que é inédito. É sempre um mundo que explode, e a explosão do mundo (Kohan, 2007). Pensar devir criança com esses autores me fez perceber o quanto as minorias são importantes para pensar uma educação pela fabulação, método firmado por mim nesta pesquisa (Barin, 2019, p.18). 12 A tese que trago vem da vivência e do desejo de alguém que pensou a educação minoritária e o ato de estar docente em meio ao desejo de manter-se atenta, da vontade de utilizar outras formas

de organizar a língua já existente, de mexericar palavras, pois a intenção não foi criar uma nova língua, e sim produzir movimentos em meio ao que já existe, ao que se vive. Foi a partir dessas conexões que se deu um capítulo da tese de Barin (2019), “Uma educação que fabula e brinca.” Ao pensarmos no olhar da criança, nos detemos em como elas enxergam o mundo que as cercam, que experiências produzem com ele e como reinventam situações dentro deste mundo.

A infância pensada por este outro viés, como potência, resistência (Larrosa, 2015), mergulha em um mundo que se fabrica com a fabulação e em devir. O conceito de devir-criança perpassa pelo rompimento de segmentações e estratificações fixas. As minorias quebram as percepções de centralidade, gotejam no sistema anárquico, são os negros, mulheres, crianças. Assim como existe em todos nós o devir mulher, quer sejamos masculinos ou femininos, o devir-criança movimenta-se em nós em diferentes fases da vida, independentemente da idade. “É o devir que faz, do mínimo trajeto ou mesmo de uma imobilidade no mesmo lugar, uma viagem; e é o trajeto que faz do imaginário um devir” (Deleuze, 2011, p. 88).

Podemos pensar o devir como um movimento constante de afetos, linhas de fuga, onde um “acontecimento interrompe a história, a revolucionam, criam uma nova história, um novo início. Por isso, o devir é sempre minoritário” (Kohan, 2007, p. 92).

Na tese de Barin (2019), é sentir o chamado para quebrar com o ponto de vista de que a infância é a ‘fase do aprender’ na qual deve-se seguir a risca uma conduta determinada pelos adultos ao redor, absorver ensinamentos a fim de tornar seus saberes desenvolvidos de maneira técnica e linear. Romper com os pressupostos de que a infância é simplesmente uma etapa da vida inocente, que necessita ser moldada e adaptada para experiências futuras. Seguindo uma costura dessa colcha de retalhos, é possível encontrar complementos textuais em outro “achadouro”, o (Devir-selvagem da criança na educação infantil: um currículo entre voos e pousos da Mariposa, Soares, 2020), a qual investiga a infância como força da criação e da invenção, coloca a experiência em destaque. “Ao explorá-la como “reexistência” aos mecanismos de dominação que visam produzir “corpos dóceis” (Foucault, 1999, p. 162) e úteis para a sociedade” (Soares, 2020, p. 15).

Soares (2020) faz um passeio de um devir-selvagem da criança que é o que se apresenta nas poesias de Manoel de Barros. A infância que habita as poesias de Manoel de Barros pulsa como um coração, no movimento “sístole – diástole: o mundo que prende a si mesmo se fechando sobre mim, o eu que se abre ao mundo, e o abre a si mesmo” (Deleuze,

1981, p. 23). Esse mundo que se abre é um ato de experiência, pois é uma potência vital que atravessa todos os domínios de uma linguagem dominante para experimentar o nascimento de uma nova linguagem, feita de uma infância que explora e experimenta o mundo no encontro com o acaso; uma infância que brinca com os signos e os sentidos; uma infância da invenção! É essa infância que desenterrei dos achadouros do currículo-integral de uma turma da Educação Infantil, com o objetivo de transver, trans-ouvir, trans-sentir, transgredir as formas para experimentar a invenção no território curricular (Soares, 2020, p.37).

Soares (2020) afirma que a experiência e a explosão da criança se dá no ato de pensar, imaginar e criar as próprias experiências. Encaixa diretamente com a proposta deste projeto que visa sentir a explosão e o acontecimento dessa criança com a rua, com os territórios, por mais que não tenha a outra criança, mas tem cantos, mato, areia, céu. O ato de pensar, então, “não decorre de uma simples possibilidade natural: é, ao contrário, a única criação verdadeira. A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento” (Deleuze, 2003, p. 91).

Nesse ato de pensar é que cabe a ação de “desver o mundo” e criar sentidos que estão implicados com a tarefa de proporcionar novos modos de existência abertos à plenitude da vida (Soares, 2020, p.42).

Infância da educação em ciências na produção acadêmica de teses: a conformação do saber infantil (Cardoso, 2022). A tese de Camila Cardoso, é mais um dos ricos materiais encontrados até aqui, trazendo um olhar para a criança, citando a infância na sua visão poética. O que se confirma todos os outros autores que trazemos como referências anteriores. Para Cardoso (2022) infanciar é habitar o tempo, deixar-se tornar estranho pela estrangeiridade da infância, pela potência do não saber, pela curiosidade, inquietação, fabulação e invenção. Independentemente da idade, a infância sempre é onde há o aprender, o criar e o inventar.

A imagem da infância, ou da meninice, não poderia ser mais afirmativa e potente. Ela é um modo de elogio, uma forma de falar bonito, uma espécie de louvor a uma revolução que não apaga sua curiosidade, sua inquietação, seu gosto de perguntar, seu querer sonhar, seu desejo de crescer, criar, transformar (Kohan, 2018, p. 21 apud Cardoso, 2022).

Por isso, em *Microfísica do Poder*, no texto “Os intelectuais e o poder” trata de uma conversa entre Michel Foucault e Deleuze, e esse afirma: “Se as crianças conseguissem que seus protestos, ou simplesmente suas questões, fossem ouvidos em uma escola maternal, isso seria o bastante para explodir o conjunto do sistema de ensino” (Foucault, 2019, p. 133). Isso

é, pois, uma ação revolucionária para Deleuze, que promove o questionamento da totalidade do poder, sua hierarquia, mas vindo daqueles/as que são interessados/as nessa luta, pois é sobre eles/as que o poder se exerce como abuso, neste caso, assujeitando as crianças ao transformá-las em alunos/as e promovendo continuamente uma educação científica que (de)forma, individualizando, controlando, docilizando seus corpos e forjando suas subjetividades.

Há toda uma raça de juízes, e a história do pensamento confunde-se com a de um tribunal; ela se vale de um tribunal da Razão pura, ou então da Fé pura (Cardoso, 2022, p.45) Ainda de acordo com Cardoso (2022), a nós, interessa saber das crianças, da infância delas, dos adultos e do mundo.

DISSERTAÇÕES

Iniciar aqui com o trabalho de Nofker (2019), que percorre sobre o “Devir-criança na filosofia-sintetizador de Deleuze e Guattari.” Para Deleuze e Guattari, aquilo que salta do objeto e encontra os órgãos do sentido de um sujeito são signos ou, então, partículas virtuais que sobrevoam o objeto e produzem efeitos no sujeito. Como dissemos, a forma sujeito-objeto não interessa a Deleuze e Guattari: apenas o movimento que passa entre esses pontos e que os autores enunciam como um devir. O movimento que passa entre objeto e sujeito são, para Deleuze e Guattari, devires. Esses devires, ou também afectos, tal como os autores concebem, produzem uma zona de vizinhança e de indiscernibilidade entre objeto e sujeito, na qual não apenas a aranha devém mosca, por exemplo, mas também a mosca devém aranha (Nofeke, 2019, p. 91).

Destaco mais um parágrafo de Nofeke (2019):

A personagem conceitual de Zaratustra, nas Três Metamorfoses do Espírito, de Nietzsche (2011), declina de sua montanha ao que ele chama de mundo inferior, a fim de destruir sua sabedoria, que já não lhe cabia ao corpo. Transbordando, é que se tornaria homem novamente. Na segunda parte do prólogo, a criança é “associada” a Zaratustra, por um transeunte que o vê passar, pelo olhar transbordante da personagem e por uma certa postura de criança. Zaratustra encontra um homem que lhe pergunta: “vívias na solidão como num 101 mar, e o mar te carregava. Ai de ti, queres então subir à terra? Ai de ti, queres novamente arrastar teu corpo?” (Nietzsche, 2011, p. 12).

A sabedoria da personagem é expressa em seu próprio corpo, que não se carrega como um organismo, mas – antes – avizinha-se ao de uma criança (NOFEKE, 2019, p. 101). O recorte da dissertação de Dornelles (2020), também reforça os estudos que foram citados, os

autores como referência, a poesia de Manoel de Barros e como uma forma de abordar o devir-criança ou discursos sobre as infâncias, seguem algumas marcações. O destaque vale para o conceito de acontecimento, já que, o mesmo será abordado como categoria desta pesquisa.

Entender as infâncias como acontecimento é poder tratá-las na materialização da imprevisibilidade, da mobilidade atentando para os devires das movimentações que atravessam este Acontecimento que é a infância. Pensar a partir daí é pensar em sua singularidade como aquilo que toma a diferença com relação a ela mesma e não a uma outra.

Por isso este conceito me serve, pois sob a érige das múltiplas classificações que se faz das infâncias hoje, elenco algumas para discussão e questiono: que tipo de criança se produz nas guerras diárias daqui, do leste europeu, da África, da China, ou da fome, das drogas, da prostituição? Pensar sobre estas infância nos coloca frente a um outro paradoxo, de um lado, onde fica a garantia das constituições dos países, dos direitos internacionais de proteção e amparo às crianças? Por outro: como cada sociedade modifica seus discursos e passa a inventar novas verdades que garantam a governamentalidade das crianças (Dornelles, 2020, p. 4)?

Ao se mudar os discursos, se mostra a provisoriedade das verdades modernas sobre os infantis, ou seja, de que toda criança deva ser protegida. Se deduz daí que, as sociedades encontram diferentes formas de exercer o governo da população infanti, isto é o que Foucault (1998) denomina como um dispositivo de poder por meio do direito de fazer viver ou deixar morrer.

No entanto, para tratar das questões que envolvem o deixar viver das crianças na atualidade, penso no devir-criança no criar, mas para experimentar o devir-criança é necessário problematizar pela criança que habita seus plenos direitos. Tudo isto porque o devir-criança como aponta Leclercq (2002) apud Dornelles (2020) é o que mobiliza o Outro da pedagogia “e com isto injeta vida no desejo de alteridade” (p.43). E assim perguntar: Como os educadores das infâncias vivem os processos de ser criança hoje? Quais os modos de ser sujeito que se produz com e para elas? Hoje muitas crianças são fabricadas como sujeitos que escolhem, decidem, optam e, de alguma maneira, muito cedo precisam assumir os efeitos de suas decisões. Estas práticas de certa forma fabricam infâncias de um jeito.

Acredito, queiramos ou não que, nesta sociedade é para isto que se vem trabalhando, para que as crianças cada vez mais governem a si mesmas, tenham autonomia e assumam suas decisões. Desse modo, é possível vincular com o trabalho de Oliveira (2020), sobre os

“Espaçostempos” de brincar: uma bordadura com memórias. Provocando num trabalho repleto de arte, poesia e ciência, conceitos de paisagem e devir mãe. Em todas estas paisagens, nossos sentidos ficam aguçados: ouvimos mais atentamente, sentimos mais profundamente, enxergamos até o que não existe; cheiramos as essências profundas; experimentamos inúmeros sabores doces, amargos, picantes, salgados.

Saciamo-nos de água, terra, ar e fogo (Friedman, 2011, p.13, apud Oliveira, 2020, p. 47). Em seu percurso de pesquisa, a autora também apresenta suas memórias não apenas como um processo biográfico, mas como um caminho para desbravar, conhecer e reconhecer as “entrelinhas” da sua vida e de seus interlocutores – crianças e adultos (Friedman, 2011 apud Oliveira, 2020). Com este texto e alguns outros desdobramentos textuais desta mesma autora, ela alinhava as primeiras intenções de resgatar e investigar as próprias memórias, numa posição ética, política e estética, construindo uma biografia.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que ocorrerá nas ruas de um bairro periférico de Aracaju-Se, o Marivan, na zona sul. O universo dessa pesquisa envolve as crianças, as ruas e as praças. Sendo que a amostra e as fontes da mesma também se entrelaçam, as crianças, os territórios, as relações construídas entre elas e o meio. Como banco de dados, serão utilizadas as bibliotecas digitais, dissertações e livros. Como coleta de dados, será utilizado um diário das visitas às ruas, os registros dos diálogos, fotografias. Para Flick (2008), a pesquisa qualitativa está longe de ser aquela definição “reduzida” - é a pesquisa não quantitativa ou não padronizada, ou algo assim -, ela se dispõe de várias características próprias. Sendo assim, a pesquisa qualitativa usa o texto como material empírico (em vez de números), parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo. A pesquisa qualitativa, para Flick (2008) [...] podem-se encontrar, pelo menos, três perspectivas, das quais um quadro geral inicial é apresentado.

Os pontos de referência teóricos na primeira perspectiva se baseiam em tradições de interacionismo simbólico e fenomenologia. Uma segunda linha principal está ancorada teoricamente na etnometodologia e no construcionismo e interessada em rotinas da vida cotidiana e na formação da realidade social. As posições estruturalistas e psicanalíticas, que

pressupõem estruturas e mecanismos psicológicos inconscientes e configurações sociais tentes, são o terceiro ponto de referência. Essas três grandes perspectivas diferem em termos de seus objetivos de pesquisa e nos métodos que empregam. Autores como Luders e Reichertz (1986) justapõem, inicialmente, as abordagens que destacam “o ponto de vista do sujeito” e um segundo grupo que visa a descrever o processo na produção de situações, meios e sociais existentes (cotidianas, institucionais ou mais gerais e sociais) (p. ex., nas análises etnometodológicas da linguagem). A terceira abordagem caracteriza-se por uma reconstrução (mais hermenêutica) das “estruturas profundas que produzem ação e sentido” em termos de concepções psicanalíticas e objetivo hermenêuticas (Flick, 2008, p. 26).

Como banco de dados, serão utilizadas as bibliotecas digitais, dissertações e livros. Como coleta de dados, será utilizado um diário das visitas às ruas, os registros dos diálogos, 17 fotografias. Seguindo-se para fase de análise dos dados, esta será baseada em codificação e categorização. A codificação e a categorização são formas de analisar que podem ser aplicadas a todos os tipos de dados e não se concentram em um método específico de coleta. Essa não é a única maneira de analisar dados, mas é a mais destacada quando os dados resultam de entrevistas, de grupos focais ou de observações. Em particular, se forem usados computadores para analisar dados qualitativos, será aplicada uma ou outra forma de codificação. As principais atividades são buscar partes relevantes dos dados e analisá-los, comparando com outros dados e lhes dando nomes e classificações (FLICK, 2008, p. 132). Por meio desse processo, será desenvolvida uma coleta de dados através da observação e registro das interações entre as crianças e o território, a fotografia e a transcrição de falas das mesmas como forma de apresentar as realidades sentidas e percebidas.

ANÁLISE DOS DADOS

O resultado dessa fase consiste na análise dos dados obtidos, de como ocorrem as diferenças, os devires que atravessam essas crianças, baseando-se nos conceitos de Deleuze, Foucault, Nietzsche, como devir, aión, devir criança, infância, bairro, periferia. Por meio do referencial teórico conceitual e a organização das categorias que serão gênero, subjetividade, diferença, acontecimento, repetição, brincar, brinquedo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Saliento que o projeto se encontra na fase inicial, construção de referencial teórico e conceitual. O que espero acrescentar nas considerações são as conclusões diante do que foi encontrado, vivido nas ruas ao observar o brincar das crianças, do que foi levantado como inquietação, daquilo que foi apresentado pelas teorias e o que foi sentido em cada registro e troca de campo empírico.

REFERÊNCIAS

- BARIN, A. **Invento-me: potências do devir-criança - uma educação pela fabulação**. Rio Grande do Sul, 2019. Fonte: Sucupira.
- BARROS, M. **Memórias inventadas**. A infância. São Paulo: Record, 2003.
- CARDOSO, C. **Infância da educação de ciências na produção acadêmica de teses**. [Recurso eletrônico]. Minas Gerais, 2022. Fonte: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/35900/1/InfanciaEduca7a3oCiencias.pdf>
- DELEUZE, G,
- PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1988.
- DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997 .
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. IV. São Paulo: Editora 34, 1997a.
- DORNELLES, L. **Sobre o devir-criança ou discursos sobre as infâncias**. Anais do Colóquio Internacional de Filosofia da Educação, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2020.
- FLICK, U. **Introdução a Metodologia de Pesquisa: Um Guia para Iniciantes**. Porto Alegre: Penso, 2008.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- KOHAN, W. **Infância. Entre educação e filosofia**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.
- MAGNANI, J. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. Coleção Antropologia Hoje. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2012.
- NOFFKE, A. **Devir-criança na filosofia-sintetizador de Deleuze e Guattari**. Toledo, 2019.
- Oliveira, T. **Espaçostempos de brincar : uma bordadura com memórias**. Sorocaba, 2021. Fonte: <https://uniso.br/mestrado-doutorado/educacao/dissertacoes/2020/tabta-rosa.pdf> .

SOARES, E. **Devir-selvagem da criança na educação infantil [manuscrito]**: um currículo entre voos e pousos de uma mariposa. Belo Horizonte, 2020. Fonte: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/36314/1/Tese%20Erika%20Soares%20com%20capa%20vers%c3%a3o%20final.pdf> TIARAJU, A. Contribuições para a definição dos conceitos de periferia e sujeitas e sujeitos periféricos,2020.In:<https://www.scielo.br/j/nec/a/whJqBpqmD6Zx6BY54mMjqXQ/?lang=pt> # Consultado em 17 de novembro de 2022.De acordo com Andrade (2001, p. 10), “[...]”